

P. 23

# O Brasil não é Malvinas

CORREIO BRAZILIENSE

12 MAI 2006



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB,  
foi presidente da República

**N**inguém pode alterar a geografia. Brasil e Bolívia estão ligados por decisão do Criador. Com ela temos nossa maior faixa de fronteira, dividida em quatro estados: Acre, Rondônia e os dois Mato Grosso, do Norte e do Sul.

Estamos destinados a viver juntos e irmados. Em 1867 fizemos o nosso primeiro tratado diplomático. Desde 1938 procuramos ajudá-la a explorar seu petróleo. Não deu certo porque a Bolívia resolveu entregá-lo aos trustes internacionais.

A Bolívia é um país que tem direito a ressentimentos. Tinha uma montanha de prata, Potosí e os espanhóis a levaram. Tinha territórios no Chaco e na costa chilena e perdeu-os nas guerras do Chaco e do Salitre. Com o Brasil sempre foi diferente. Nunca tivemos guerra. Negociamos o Acre para legalizar uma situação de fato. A Bolívia já o tinha entregue aos americanos e ingleses, através do Bolivian Syndicate, ao qual inde-

nizamos com 600 mil libras esterlinas. Evitamos, assim, a criação de um país laranja de empresas internacionais e para isso invocamos a Doutrina Monroe. Pagamos à Bolívia com um pedaço de Mato Grosso e mais de 2,5 milhões, também de libras.

O Brasil sempre teve uma grande preocupação com a estabilidade e o bem-estar boliviano. Eu tenho autoridade para dizer isso porque propus ao presidente Reagan um Plano Marshall para a Bolívia, do qual participaríamos, e defendi uma ação das Américas para restabelecer sua saída para o mar. Com Paz Estenssoro — o grande patriota — assinei 10 acordos. Negociei com o Paraguai a liberdade de navegação anunciada por Paz Zamora no dia de sua posse. A Bolívia tem de ser viabilizada economicamente, ajudada, respeitada, ter condições de participar do projeto de integração latino-americano.

Na década de 90, a Bolívia ofereceu suas refinarias em leilão internacional. Davam prejuízo e ela não tinha dinheiro para investir. Não apareceu comprador. Então, o presidente Fernando Henrique, na mesma continuidade da política de ajudar, aceitou o apelo boliviano para adquiri-las. Aportamos capital e tecnologia. Via-

bilizamos o negócio de gás, construímos gasodutos e investimos US\$ 1,5 bilhão. Durante o governo Mesa houve interesse do governo boliviano em mudar sua política e se associar conosco. O Brasil aceitou. Votaram então a lei de Hidrocarbonetos, aumentando impostos e rompendo acordos. A Petrobras responde por 15% do PIB da Bolívia e 20% de toda sua arrecadação, além de 10 mil empregos.

Nunca o Brasil teve qualquer política imperialista com a Bolívia. Entramos para ajudar e porque fomos solicitados. Nossas comissões de fronteira funcionam muito bem, com perfeito intercâmbio entre as populações. Nosso mercado está aberto para a Bolívia, dando-lhe potencial infinito de desenvolver-se.

Acho que a política do presidente Lula de negociar é certa. De ajudar, também. De não declarar hostilidade à Bolívia, mais ainda. Agora, o que não se pode é admitir que, para as eleições da Constituinte boliviana, se procure um vilão, como os militares argentinos procuraram as Malvinas. Esse é o jogo dos inimigos da integração latino-americana, que devem estar de sorriso aberto com Tabaré Vázquez querendo sair do Mercosul e a Bolívia brigando com o Brasil.